

MÚSICA redescoberta

Musica Brasiliis, portal e circuito de concertos criados pela cravista e pesquisadora Rosana Lanzelotte, explora nosso presente e nosso passado musical, em iniciativa que se relaciona com os recentes avanços da pesquisa em música no Brasil

Por Camila Frésca



No dia 26 de março de 1816, oito anos após a chegada da família real portuguesa ao Brasil, desembarcava no Rio de Janeiro um grupo de artistas franceses integrado pelo pintor Jean-Baptiste Debret (1768-1848), o paisagista Nicolas-Antoine Taunay (1755-1830), seu irmão, o escultor Auguste-Marie Taunay (1768-1824), o arquiteto Grandjean de Montigny (1776-1850) e o gravador Charles-Simon Pradier (1786-1847). Liderados por Joachim Lebreton (1760-1819), o grupo tinha como objetivo fundar a primeira academia de arte no que era então o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Conhecida como “Missão Artística Francesa”, a iniciativa foi responsável por estabelecer o ensino formal de artes no Brasil, e os artistas integrantes deixaram importantes registros da época.

O aniversário de 200 anos da Missão Artística Francesa é um dos assuntos que norteia “Viagens entre mundos”, tema da sétima edição do Circuito BNDES Musica Brasilis, que acontece nos meses de junho e julho com espetáculos no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte, em Aracaju, em Belém, em Paraty, em Campinas e em Vitória. Outras efemérides lembradas serão os 200 anos do noivado de d. Pedro e Leopoldina, os 180 anos de nascimento de Carlos Gomes e os 80 anos dos compositores Jocy de Oliveira e Raul do Valle.

MUSICA BRASILIS

Um importante diferencial da iniciativa é que os repertórios das apresentações incluem peças recentemente editoradas e disponibilizadas no portal Musica Brasilis (www.musicabrasilis.org.br). Os dois projetos – circuito e portal – foram criados conjuntamente em 2009 pela cravista e pesquisadora Rosana Lanzelotte. “Ao longo da trajetória de musicista, percebi quão difícil é o acesso a partituras de música brasileira”, explica Rosana. “A ativíssima indústria editorial do início do século XX – eram publicados mais de 2 mil títulos por ano – é hoje praticamente inexistente. Os manuscritos preservados em bibliotecas são de difícil acesso, e além disso os músicos preferem edições modernas.” Esses fatores fizeram com que Rosana, aproveitando seus conhecimentos de doutora em informática, idealizasse um portal para disponibilizar música brasileira. “Começamos em 2009 e, graças ao patrocínio contínuo do BNDES, temos hoje cerca de 1.500 partituras de cerca de trezentos compositores. Visando também ao aproveitamento do portal no apoio ao ensino obrigatório de música, foram desenvolvidos conteúdos educacionais sobre autores, instrumentos e história da música brasileira, bem como jogos”, conta.

O portal Musica Brasilis possui uma equipe trabalhando continuamente, coordenada por Nivia Zumpano, com Manoel Corrêa do Lago responsável pela supervisão musicológica e a professora Suely Avellar cuidando da parte pedagógica. Embora seja uma fonte importante para músicos interessados em nosso passado musical, Rosana Lanzelotte explica que o Musica Brasilis não se ocupa apenas da música do passado ou da música clássica, mas abriga também partituras de clássicos da música popular brasileira ou de autores como Hermeto Pascoal, que querem ter suas partituras disponíveis para um maior número possível de músicos. Diversas partituras podem ser baixadas sem custo, outras precisam ser compradas. “As partituras que obtivemos por meio de parcerias, como é o caso das que celebramos com a Funarte ou o Centro Cultural São Paulo, são distribuídas gratuitamente. Os direitos de algumas edições foram adquiridos pelo Musica Brasilis, a exemplo de todas as de Alberto Nepomuceno realizadas pela Goldberg Edições. O Musica Brasilis é também distribuidor de partituras de compositores contemporâneos, como Edmundo Villani-Côrtes, caso em que parte da receita de venda reverte para o autor”, explica Rosana.

DESCOBRINDO A MÚSICA NO BRASIL

Uma importante iniciativa como a do Musica Brasilis não se sustenta como caso isolado, mas se relaciona com o avanço da musicologia no Brasil. A pesquisa na área, voltada para os períodos colonial e imperial, tem tradição recente no país, e seu começo pode ser localizado na geração modernista, sobretudo com Mário de Andrade e outros pesquisadores que se iniciaram individualmente no tema. Na década de 1940, as pesquisas do teuto-uruguaio Francisco Curt Lange nos arquivos mineiros revelariam o tesouro da música colonial do século XVIII em Minas Gerais. De lá para cá, outros pesquisadores deram contribuições importantes, como Ayres de Andrade e Cleofe Person de Mattos sobre a música do Rio de Janeiro, padre Jaime com a música colonial do Nordeste e Régis Duprat com a música paulista. Conforme explica o pesquisador e regente André Cardoso, é a partir da entrada da pesquisa musicológica na universidade que as coisas caminharam mais rapidamente. “A pesquisa em música no Brasil avançou muito nas últimas décadas, especialmente por causa dos programas de pós-graduação. O primeiro deles foi criado em 1980 na escola de música da UFRJ, ou seja, são pouco mais de trinta anos de pesquisa musicológica em instituições acadêmicas, com suporte de agências de fomento. Tal fato reconfigurou a pesquisa e diversificou as abordagens”, explica. Paulo Castagna, outra referência quando se pensa em pesquisa na área da música brasileira, concorda que o conhecimento sobre a prática e a produção musical do Brasil aumentou muito nos últimos anos, mas salienta que, “por outro lado, a quantidade de acervos, repertórios, autores e aspectos musicais referentes a esses períodos [Colônia e Império] é tão grande que estamos longe de ter um conhecimento panorâmico sobre o assunto – e mesmo sobre todo o território brasileiro. Apesar do notável crescimento da produção musicológica brasileira a partir da década de 1990, a quantidade de pesquisadores trabalhando no campo da musicologia histórica ainda é pequena para pesquisar toda essa riqueza e essa diversidade em centenas ou talvez milhares de acervos musicais que existem no país”.

Um dado curioso é que, até a década de 1990, os estudos que se dedicavam à música colonial do século XVIII eram mais numerosos do que os que se detinham sobre o período imperial ou mesmo sobre as primeiras décadas da República. É provável que isso se devesse a dois motivos principais: de um lado, o rico passado descoberto por Curt Lange estimulou outros pesquisadores a seguir a mesma linha; de outro, a desqualificação da primeira geração de músicos da República pelos modernistas – que reduziam o valor de compositores como Leopoldo Miguez ou mesmo Alberto Nepomuceno, pela falta de características nacionais em sua música – fez com que por muito tempo essa época fosse relegada. André Cardoso acredita que a publicação da primeira edição de *Música brasileira contemporânea*, livro de José Maria Neves, possibilitou uma nova abordagem em relação àquela dos modernistas e colaborou para mudar o foco das pesquisas. “Melhoramos na abordagem do século XIX, especialmente a segunda metade, mas ainda há um longo caminho a percorrer”, analisa Cardoso. “Precisamos também retomar a pesquisa em fontes para os séculos XVI, XVII e a primeira metade do XVIII. Há pouca gente se dedicando a eles e muitas lacunas. Cresceu bastante a abordagem da música brasileira do século XX, mas a música de concerto perde de lavada para a popular.”

Paulo Castagna tem opinião semelhante e destaca que os dois compositores mais pesquisados em toda a história brasileira foram Carlos Gomes e Villa-Lobos. “Talvez seja possível atribuir a José Maurício Nunes Garcia o terceiro lugar. Mas da

fase colonial, somente Nunes Garcia, André da Silva Gomes e Emerico Lobo de Mesquita receberam catálogo de obras, e poucos acervos musicais brasileiros que possuem fontes do período colonial tiveram seus catálogos publicados”, alerta. “Tenho a impressão de que, do final do século XX para cá, a pesquisa musicológica tem se diversificado cada vez mais, procurando períodos, lugares, repertórios e aspectos menos conhecidos, tendência que, se for mantida, deverá contribuir para se conhecer mais a fundo as culturas histórico-musicais brasileiras”, completa.

AO VIVO

Carlos Gomes é um dos homenageados nesta edição do Circuito Musica Brasiliis. Para lembrar seus 180 anos de nascimento, foi montado um espetáculo específico, a ser apresentado em Campinas, Belém (cidades de nascimento e morte do compositor), Aracaju e Vitória. Atores locais darão vida ao mais importante compositor de ópera brasileiro por meio de trechos extraídos de suas cartas e do livro *O selvagem da ópera*, de Rubem Fonseca.

No Rio de Janeiro e em Paraty, as homenagens serão para Leopoldina. Quando veio para o Brasil, em 1817, a noiva austríaca de d. Pedro trouxe uma coleção de partituras com obras de Mozart, Beethoven e Schubert. O programa inclui composições dos dois compositores mais ligados a Leopoldina: Leopold Kozeluch, seu mestre em Viena, e Sigismund Neukomm, com quem conviveu durante a estadia no Rio de Janeiro. Já Belo Horizonte recebe um espetáculo dedicado às modinhas, com peças de Cândido Inácio da Silva, José Maurício Nunes Garcia, Tomás Antonio Gonzaga, Joaquim Manoel da Câmara, Neukomm e Carlos Gomes.

No total, serão 14 espetáculos com diferentes abordagens. Rosana Lanzelotte destaca que cada um dos personagens homenageados foi (ou é) protagonista de viagens no espaço/tempo. “O único músico da Missão Francesa, Sigismund Neukomm, foi quem primeiro transitou entre os gêneros clássico e popular, ao se inspirar em modinhas e lundus para escrever repertórios clássicos. Carlos Gomes transportou para a cena lírica internacional mitos indígenas e escravos africanos. Jocy de Oliveira e Raul do Valle têm sua produção marcada pela contemporaneidade da música eletrônica, em alguns casos inspirada em personagens do passado.” Estão disponibilizadas no portal Musica Brasiliis diversas partituras das obras apresentadas. “Já estão no ar 31 partituras de Carlos Gomes, incluindo as edições de obras para piano realizadas por Marcelo Verzoni e arranjos do maestro Abel Rocha das canções para voz e orquestra. Da compositora Jocy de Oliveira, estão disponíveis as obras *For Cello*, *Nherana*, *Who Cares if She Cries*, *Striding Through Rooms*, *Ofelia*, *Encontrodesencontro*.” ♦

AGENDA

Musica Brasiliis

Missão Artística 200 anos

Teatro do BNDES (Rio de Janeiro), dia 1º de junho

Cartas Leopoldinas

Sala Cecília Meireles (Rio de Janeiro), dia 4 de junho

Igreja da Matriz (Paraty), dia 30 de junho

O Selvagem da Ópera

Teatro Tobias Barreto (Aracaju), dia 9 de junho

Theatro da Paz (Belém), dia 21 de junho

De Modinhas e Marílias

CCBB (Belo Horizonte), dia 22 de junho

“Tenho a impressão de que, do final do século XX para cá, a pesquisa musicológica tem se diversificado cada vez mais, procurando períodos, lugares, repertórios e aspectos menos conhecidos, tendência que, se for mantida, deverá contribuir para se conhecer mais a fundo as culturas histórico-musicais brasileiras



PAULO CASTAGNA
pesquisador

“A pesquisa em música no Brasil avançou muito nas últimas décadas, especialmente por causa dos programas de pós-graduação. O primeiro deles foi criado em 1980 na Escola de Música da UFRJ, ou seja, são pouco mais de trinta anos de pesquisa musicológica em instituições acadêmicas, com suporte de agências de fomento. Tal fato reconfigurou a pesquisa e diversificou as abordagens



ANDRÉ CARDOSO
pesquisador e maestro

“A atívisima indústria editorial do início do século XX – eram publicados mais de 2 mil títulos por ano – é hoje praticamente inexistente. Os manuscritos preservados em bibliotecas são de difícil acesso, e além disso os músicos preferem edições modernas



ROSANA LANZELOTTE
cravista, idealizadora do projeto Musica Brasiliis